



# O ensino bilíngue no século XXI



**Carlos Henrique Trindade**

Formado em Letras Português/Inglês e especialista em Didática para a Educação Bilingue. Responsável pelo programa de ensino bilíngue do UNOi Educação. Lidera o novo projeto de ensino bilíngue do grupo espanhol Santillana: *Educate Bilingual Program* by Richmond

## Muito mais do que a soma de monolíngues

O novo século traz novos paradigmas culturais, sociais, econômicos e políticos. E a escola precisa responder a esse novo cenário. O mundo de hoje reclama uma integração maior. A tecnologia o diminuiu de tamanho e, por isso, nunca o termo *aldeia global* foi tão adequado para descrever o planeta em que vivemos. As culturas se misturam por conta de conglomerados econômicos gigantescos que dominam os meios de produção e distribuição, que pasteurizam e homogeneízam nosso consumo. Ao se mis-

turar, culturas se redefinem, novas surgem, antigas deixam de existir. O dinamismo nas relações humanas é extremamente acelerado: tradições centenárias em alguns casos tornam-se incompatíveis com a conjuntura atual e são substituídas por novos costumes, novos modelos mentais, novos comportamentos.

Também o conceito de aprender mudou, e obviamente conceitos relacionados à aquisição de uma segunda língua são revisitados nesse novo cenário. Em um mundo dominado pela língua inglesa, estamos todos, em maior ou menor grau, envolvidos por contextos onde ela está presente. Estamos todos, de certa forma, mergulhados em mini-imersões de inglês. As situações em que o inglês começa a penetrar em nossas vidas são das mais variadas e impensadas. Começa-se a perceber que não é possível artificializar a língua, e muito menos o seu aprendizado, e que é impossível separar a língua da cultura que a envolve.



©vinscock/Stockphoto

Estudos em relação à aprendizagem nos mostram que é fundamental envolver os alunos no processo, fazê-los vivenciar situações e criar soluções próprias, originais, não padronizadas, para os problemas que lhes são propostos. Cada vez mais entendemos que não adianta aprender algo que não tem aplicabilidade, ou que não conseguimos entender como aplicar. E cada vez mais buscamos personalizar o ensino, pois cada um de nós é um ser único, com reações e construções mentais próprias para uma mesma situação ou problematização.

Isso tudo nos leva a repensar o processo de aquisição de uma língua para atingirmos uma eficiência maior. A primeira constatação importante diz respeito ao que entendemos por *ser bilíngue*. No século XX, o conceito vigente era de que o cidadão bilíngue era simplesmente a soma de dois cidadãos monolíngues. Essa perspectiva isolava a língua da cultura e a reduzia a um código. No século XXI, sabe-se que ser bilíngue é muito mais do que ser a soma de dois monolíngues. O conhecimento de duas línguas transforma o indivíduo, pois ele tem um contato muito próximo com a cultura da língua adquirida, e esse contato vai mudar a maneira de ele ver o mundo

e fazê-lo questionar conceitos, crenças e antigas verdades sobre sua própria cultura. Esse novo cidadão entende as diferenças, tolera mais, sabe que algumas verdades não são absolutas, e assim expande sua percepção sobre a sua existência e sua coexistência com a diversidade. Mas, para atingirmos esse nível de bilinguismo, é necessário mudar nossa visão. A língua, enquanto veículo de comunicação, não pode ser fim: ela é meio por sua própria natureza. Aprendemos coisas por meio dela e não o contrário. O pilar conceitual essencial e que difere o ensino bilíngue do ensino de línguas estrangeiras é exatamente esse. A língua precisa ser experimentada, vivenciada, vivida. Jamais memorizada ou traduzida em códigos que a artificializam e a tornam descontextualizada e de difícil aplicação. A língua é viva, é expressão humana, e como tal precisa ser entendida para poder ser adquirida. Todo o resto é acessório: carga horária elevada, currículos internacionais, turmas reduzidas... alguns desses temas são desejáveis e contribuirão para a aceleração do processo, mas não são imprescindíveis.

Esse despertar abre uma oportunidade para o ensino bilíngue: o da popularização. Se ensino bilíngue é essencialmente um paradigma metodológico, ele não tem condicionantes econômicas significativas que impeçam o seu desenvolvimento nos mais variados contextos escolares. Qualquer escola pode ensinar inglês usando-o como meio para aprender novos conteúdos. Qualquer escola pode ensinar inglês por meio de experiências. Qualquer escola pode tratar língua e cultura como indissociáveis. E qualquer escola pode, desse modo, em maior ou menor grau, tornar seu aluno um cidadão bilíngue do século XXI, atuante e protagonista, dinâmico e flexível, socialmente sensível, tolerante perante a diversidade, sobretudo um ser mais humano. Este, senhoras e senhores, é o século dos cidadãos bilíngues. ■

ctrindade@unoi.com